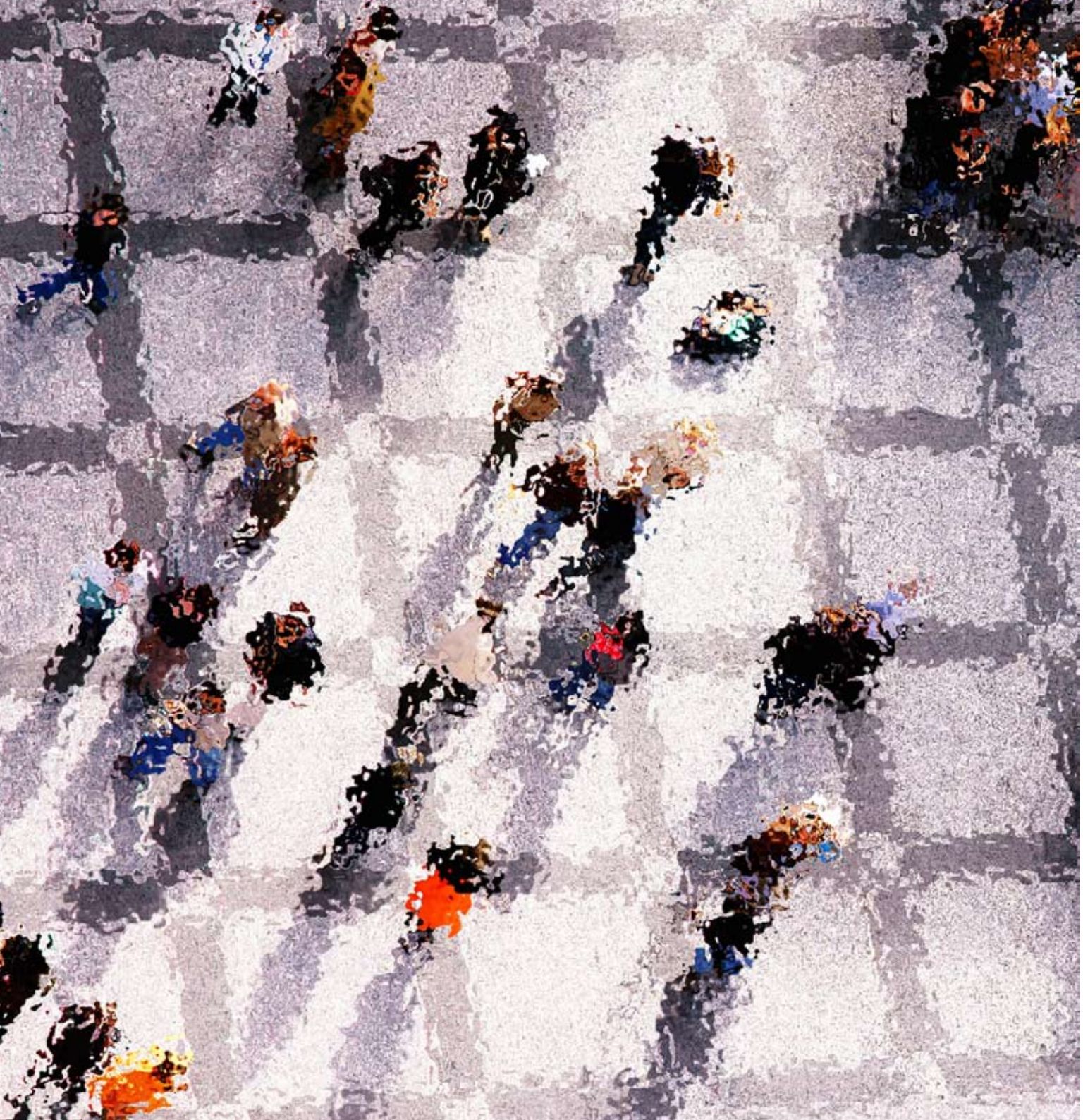


ISSN 1980 2528

2006/2007

PESQUISA PERFIL OPINIÃO

SÃO PAULO

II Boletim, Dezembro de 2008

OBSERVATÓRIO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

APRESENTAÇÃO

O Departamento de Museus e Centros Culturais/IPHAN, a Fundação Oswaldo Cruz, o Museu de Astronomia e Ciências Afins constroem há quatro anos uma inusitada e profícua parceria visando à implementação do Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC). O projeto reúne atores dos setores da cultura, da saúde e da ciência e tecnologia para oferecer á sociedade brasileira elementos de informação e análise técnica e científica sobre os processos de apropriação social dos museus e instituições afins.

A produção periódica de dados sobre as formas de apropriação dos museus pela sociedade constitui instrumento estratégico para a avaliação, a orientação e o planejamento de políticas públicas, não só para o campo museal como para aquele onde se discute a cultura como determinante social da saúde ou, ainda, onde se prepara o desenvolvimento científico e tecnológico de nosso país. O museu, dentro da cultura, é vetor de múltiplos movimentos e sua ação e impacto na sociedade avançam intersetorialmente.

A publicação do segundo Boletim é um marco importante para a equipe responsável pela condução do OMCC. Registra a continuidade de um projeto de pesquisa que colabora para revelar e compreender a diversidade de visitas, visitantes e museus no território brasileiro e sua evolução no tempo/espaço.

Gostaríamos ainda de agradecer o apoio e a dedicação de colaboradores de primeira hora, como a Escola Nacional de Ciências Estatísticas /IBGE, a Superintendência de Museus de Minas Gerais, bem como o apoio da Unidade de Conservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e ainda dos 35 museus que, até 2008, já se associaram ou manifestaram interesse em participar.

Em 2009, o Observatório se prepara para enfrentar novos desafios: implementar e concluir a pesquisa nacional já iniciada na região sudeste; iniciar a segunda etapa de aplicação da pesquisa no estado do Rio de Janeiro; aumentar a participação da comunidade técnica, acadêmica e da sociedade civil nos processos de análise e discussão dos resultados de suas pesquisas; compartilhar a experiência brasileira no âmbito Ibero-americano, como parte do programa Ibermuseus. O Observatório cresce, aparece e amadurece. Que possamos seguir juntos, ampliando a rede de participação e adesão a sua volta.

José do Nascimento Junior
Diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais.

Aqui está o segundo Boletim Perfil-Opinião, principal veículo de comunicação da Pesquisa iniciada pelo Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC) em 2005, junto a onze museus fluminenses. O II Boletim apresenta os principais resultados da aplicação da pesquisa no estado de São Paulo, em 13 espaços museais, em 2006 e 2007.

Tomando como fio condutor o primeiro Boletim, a idéia deste segundo número é observar a variação de comportamento e de perfil entre os visitantes dos museus de São Paulo, aqui em foco. Propõe também comparar quanto ao perfil socioeconômico e algumas características das visitas, os resultados da pesquisa paulista com aqueles da pesquisa realizada no Rio de Janeiro e Niterói. A análise comparativa permite abordar questões que remetem não apenas às características particulares da população e à variação da freqüência de visitas a museus e centros culturais entre paulistanos e fluminenses, mas também à peculiaridade dos museus que foram investigados na pesquisa. Neste sentido, o Boletim vem apontar pistas de investigação a serem aprofundadas em análises diversas, dialogando com outras pesquisas.

O Observatório de Museus e Centros Culturais é um programa
de pesquisa e serviços sobre os museus e instituições afins que visa a:

1 – Subsidiar a elaboração e a avaliação de políticas públicas nos campos da cultura e afins;
2 – Subsidiar a prática profissional;
3 – Subsidiar a pesquisa;
4 – Promover um espaço de discussão e estudo sobre o museu, voltados não apenas para os especialistas, como também para o visitante e para o não-visitante, ampliando o âmbito do debate sobre a instituição para toda a sociedade.

A pesquisa em São Paulo contou com o apoio da Unidade de Conservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado da Cultura.

PESQUISA PERFIL-OPINIÃO 2006-2007
Museus e visitantes de São Paulo

A partir do segundo semestre de 2006, e durante 2007, o protocolo da Pesquisa Perfil-Opinião foi aplicado em São Paulo. A Região Sudeste é aquela que apresenta o maior número de museus presenciais no Brasil. De fato, 964 dentre os 2.501 museus mapeados pelo Cadastro Nacional de Museus (DEMU/IPHAN) se distribuem entre Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Se aceitarmos como pressuposto a relação positiva entre a oferta e a demanda cultural, podemos inferir que o Sudeste reúne a maior incidência de visitas a museus e instituições afins. Rio e São Paulo partilham, em comparação com outras capitais, a condição de metrópole e uma densa oferta de equipamentos e atividades culturais. As relações dos museus com seus públicos podem ser interpretadas a partir de diversas abordagens. Além das análises em termos do capital cultural, social ou econômico, podem-se considerar as relações entre grupos e cultura dentro da cidade e, em particular, o impacto da oferta nas escolhas culturais. Por isso, nesse segundo número do Boletim, procuramos apresentar os resultados da pesquisa em São Paulo propondo, sempre que possível, o diálogo com aqueles obtidos em 2005 na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A Pesquisa Perfil-Opinião visa a identificar os processos e os contextos promotores de acesso aos museus, para os variados segmentos sociais. Desta forma, espera-se poder contribuir para a reflexão sobre o papel atual dos museus na sociedade e para a compreensão de fatores e situações determinantes de experiências culturalmente inclusivas.

Pesquisa Perfil-Opinião, o que é?

Pesquisa quantitativa, a partir de enquete de tipo survey, utilizando um questionário com questões fechadas ou semi-abertas, preenchido pelo visitante, selecionado ao acaso. Trata da prática real de visita, ao contrário das pesquisas domiciliares ou situações diversas nas quais a visita ao museu é informada, constituindo prática declarada. Será repetida em outras instituições museais de forma periódica.

Objetivos

1 – Traçar o perfil dos visitantes em cada um dos museus investigados;
2 – Identificar diferentes modalidades de visita, em cada instituição e entre elas;
3 – Acompanhar a diversidade da relação entre os museus e seus públicos ao longo do tempo.

O questionário é organizado em quatro blocos: antecedentes e circunstâncias da visita; opinião sobre os serviços oferecidos nos museus; hábito de visitas a museus e instituições afins e perfil socioeconômico do visitante.
Procedimentos metodológicos

Em São Paulo, a pesquisa foi aplicada a partir do segundo semestre de 2006 no Museu Lasar Segall, ligado ao Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A partir de janeiro de 2007, a pesquisa foi iniciada em dez museus ligados à Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, sendo sete da capital , dois do interior e um do litoral. No total, 13 instituições participaram desta etapa da pesquisa Perfil-Opinião.

Os questionários aplicados nos museus paulistas continham as mesmas perguntas utilizadas nos museus anteriormente investigados em outras localidades e foi seguido do mesmo protocolo de pesquisa. Em alguns casos, foram acrescentadas perguntas extras cujo teor respondia a interesses particulares das instituições e que não serão tratadas neste Boletim.

O número de questionários respondidos em cada um dos museus variou segundo a meta proposta e o andamento da pesquisa de campo. O período de aplicação dos questionários variou de um até quatro meses.

A pesquisa interrogou o visitante com 15 ou mais anos de idade, em situação de visita a um museu, não participante de visitas organizadas pelas escolas, pagante ou não-pagante. Não foram considerados na pesquisa os grupos escolares com visitas agendadas, independentemente da idade e série escolar freqüentada. A seleção dos informantes foi realizada, de forma aleatória, por meio do uso do procedimento de seleção sistemática (amostragem sistemática). A amostra em cada instituição foi dimensionada, de forma independente, para fornecer um erro máximo absoluto de 5% na estimação de uma proporção de algum atributo de interesse do visitante de cada instituição, com grau de confiança de 95%. No Quadro 1, é apresentada a relação de museus considerados no estudo, suas principais características e o quantitativo de questionários/entrevistas realizadas.

Quadro 1: Instituições participantes da Pesquisa Perfil-Opinião 2006-2007 e número de entrevistas realizadas

Museu	Data de fundação	Tipo de acervo	Tutela	Questionários válidos	Erro máximo absoluto
Museu de Arqueologia e Etnologia da USP	1989	Arqueológico e etnográfico	Universidade de São Paulo	422	4,8 %
Museu Lasar Segall	1967	Arte	IPHAN	404	4,9 %
Museu de Arte Moderna - MAM	1948	Arte	Privado	1533	2,5 %
Museu da Língua Portuguesa	2006	História e literatura	SEC-SP	889	3,3 %
Pinacoteca do Estado	1905	Arte	SEC-SP	637	3,9 %
Estação Pinacoteca	2004	Arte	SEC-SP	587	4 %
Memorial do Imigrante	1998	História	SEC-SP	578	4,1 %
Museu da Imagem e do Som	1970 / 1975	Arte e história	SEC-SP	418	4,8 %
Museu do Café	1998	História	Cecafé e SEC-SP	297	5,7 %
Museu da Casa Brasileira	1970	Arte e história	SEC-SP	565	4,1 %
Paço das Artes – SP	1970	Arte	SEC-SP	419	4,8 %
Museu Casa de Portinari	1970	Arte e história	SEC-SP	565	4,1 %
Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre	1967	História, etnologia e história natural	SEC-SP	459	4,6 %
Total				7773	1,1 %

Fonte: Cadastro preenchido pelos museus participantes / Pesquisa Perfil-Opinião 2006-2007

Quem visita os museus?

1 – SEXO: EM SÃO PAULO, PREDOMINÂNCIA DE VISITANTES DO SEXO FEMININO

Entre os visitantes dos museus investigados em São Paulo, cerca de duas em cada três pessoas acima de 15 anos são mulheres (62.0%), conforme indica o Gráfico 1. Este resultado é significativamente superior à estimativa da PNAD 2006 para a Região Metropolitana de São Paulo (53,3% da população de 15 ou mais anos é do sexo feminino) e para a população do Estado de São Paulo (52,4% da população de 15 anos ou mais é do sexo feminino).

Não há grande variação na distribuição dos visitantes entrevistados, segundo o sexo, entre os 13 museus da pesquisa de São Paulo, ao contrário do resultado observado no Rio de Janeiro. Alguns museus fluminenses registraram maior número de visitantes do sexo masculino, como por exemplo, o Museu Aeroespacial, com 68% de visitas masculinas. A prevalência da presença feminina não foi observada na pesquisa 2005 no Rio de Janeiro, quando o total de mulheres visitantes acompanhou a proporção de mulheres da população da RMRJ (PNAD 2004). Em São Paulo, apenas duas instituições apresentaram valores próximos àqueles da PNAD 2006: o Paço das Artes (52.7%) e o Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre (53.6%). A maior presença feminina nos museus paulistas pode resultar da natureza temática da amostra, constituída por oito museus de artes e nenhum museu militar.

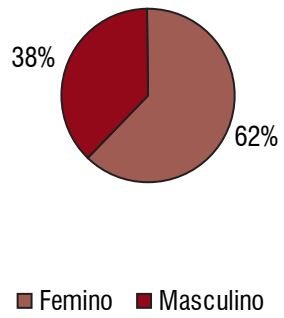
2 – FAIXA ETÁRIA: EM SÃO PAULO, PRESENÇA EXPRESSIVA DE JOVENS

Embora a categoria etária mais citada pelos visitantes corresponda àquela compreendida entre 40 a 59 anos (24,8%), a distribuição etária dos visitantes dos museus de São Paulo apresenta freqüência elevada de jovens, entre 15 e 29 anos (47,8%), seguida pelo conjunto de visitantes adultos de 30 a 59 anos (46,4%). Observa-se que nos museus paulistas, o efetivo de adultos com 40 ou mais anos (cerca de 30%) é inferior ao encontrado entre os visitantes dos museus fluminenses (37%).

Variações etárias: Museus preferidos pelos mais jovens, Museus preferidos por adultos

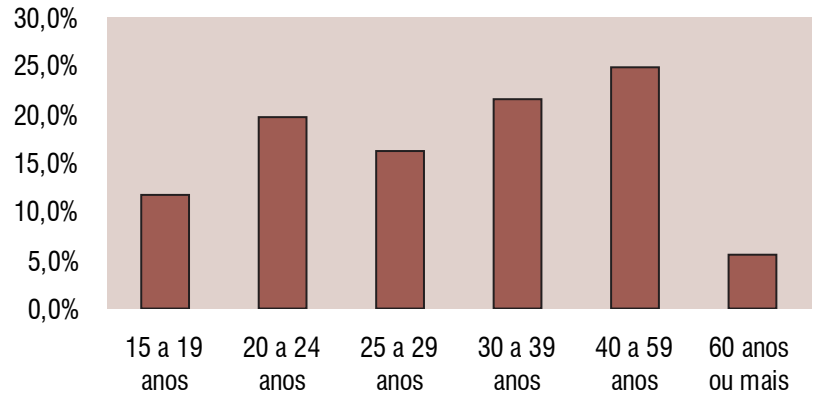
Algumas instituições caracterizam-se por atrair um maior percentual de visitantes jovens, enquanto outras acolhem número mais expressivo de adultos.

GRÁFICO 1



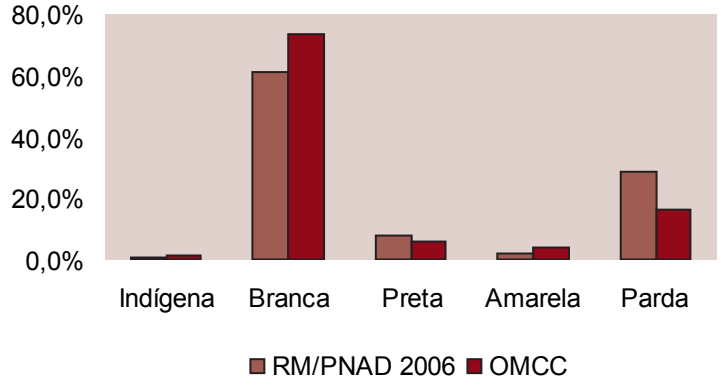
Distribuição percentualn dos visitantes dos museus investigados em São Paulo, por sexo

GRÁFICO 2



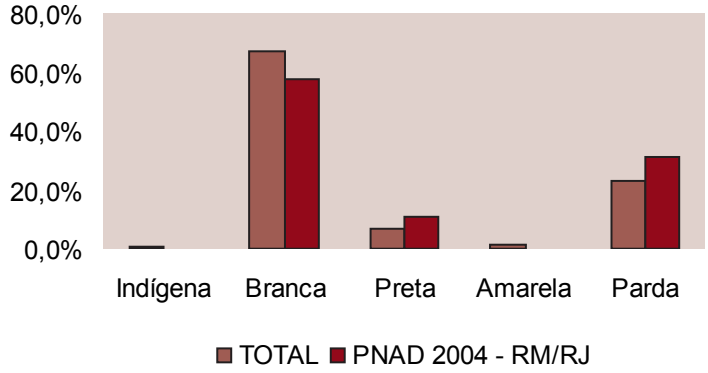
Distribuição percentual dos visitantes dos museus investigados em São Paulo, por categoria etária

GRÁFICO 3



Distribuição percentual dos visitantes dos museus investigados em São Paulo, por cor ou raça declarada

GRÁFICO 4



Distribuição percentual dos visitantes dos museus investigados no Rio de Janeiro, por cor ou raça declarada

Jovens nos museus

O museu que recebeu público mais jovem foi o Museu de Arte Moderna, com maior presença de visitantes de 15 a 19 anos de idade (18,4%) e de 20 a 24 anos (27,7%).

O Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre e o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP também apresentaram percentuais de visitantes na faixa de 15 a 19 anos (18,0% e 14,9%) acima da média geral dos museus (11,8%). É possível que a presença dos jovens nestas instituições encontre motivos diferentes: no caso do Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre haveria maior visitação de famílias com jovens e no MAE-USP grupos de amigos, especialmente estudantes jovens.

Museus e adultos

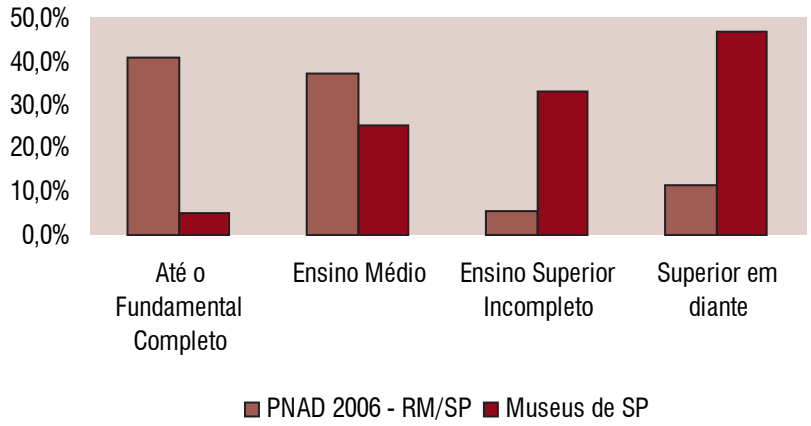
Entre os museus que acolheram maior percentual de visitantes adultos, encontra-se o Museu do Café, com alta freqüência de públicos com idade entre 40 a 59 anos (34,4%) e com mais de 60 anos (11,7%). O Museu da Casa Brasileira também apresentou forte presença de visitantes com idade entre 40 e 59 anos (36,0%) e com mais de 60 anos (12.3%). O Museu Casa de Portinari, com 34,4% de visitantes na faixa de 40 a 59 anos, e 11.0% na faixa com 60 ou mais anos, e apenas 8,0% de visitantes com idade entre 20 e 24 anos, também faz parte do grupo dos museus com maior presença de uma população adulta.

3 – COR/RAÇA: AUTO DECLARANTES BRANCOS SÃO MAIORIA NOS MUSEUS, PORÉM, NO RIO DE JANEIRO NEGROS ESTÃO MENOS PRESENTES DO QUE EM SÃO PAULO

Segundo o Gráfico 4, em São Paulo 73% dos respondentes se declaram brancos; 16,2% pardos; 5,8% pretos; 3.8% amarelos, e 1 % indígenas. Com relação à população residente na região metropolitana de São Paulo (PNAD, 2006), verifica-se uma sobre representação de (+)11,8% de auto declarantes de cor branca nos museus paulistas e uma sub representação de (-)12% de pardos em visita a estas instituições. No que se refere aos que se auto declararam de cor amarela, cabe salientar que estes acompanham a população de referência da Região Metropolitana de São Paulo com valor ligeiramente superior (+1,5% de amarelos nos museus paulistas) ao da população de referência. Também entre os negros, os resultados acompanham a população de referência (-1,7% de negros), porém, com valor levemente inferior àquele apresentado na PNAD 2006.

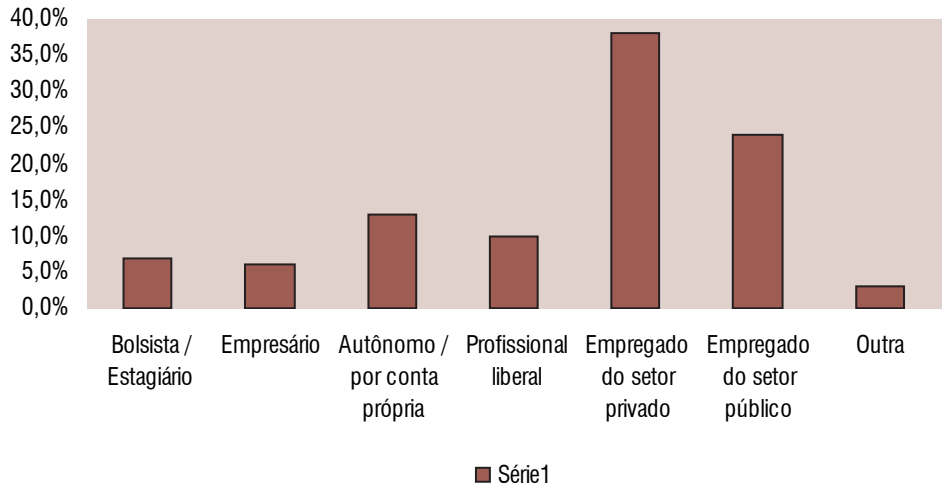
Já no Rio de Janeiro, segundo o Gráfico 5, há relativamente menos visitantes brancos (+9,5% de brancos com relação à PNAD 2004) nos museus que em São Paulo, porém, a diferença com relação à população negra de referência é maior: (-)3,6% de negros entre os visitantes dos museus fluminenses. A presença ligeiramente maior de negros na população da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (10,6% em 2004) com relação à Região Metropolitana de São Paulo não se reflete nos museus fluminenses, sugerindo que o acesso às instituições museais para este grupo foi menor entre os visitantes que participaram da pesquisa 2005 no Rio de Janeiro do que entre os paulistas.

GRÁFICO 5



Distribuição percentual dos visitantes investigados nos museus de São Paulo, por nível de escolaridade

GRÁFICO 6



Distribuição percentual dos visitantes dos museus de São Paulo, segundo a atividade remunerada que exercem

A maior presença de visitantes de cor/raça branca, parda ou preta varia também segundo o museu visitado. Na amostra paulista, os museus que tiveram maior freqüência de brancos foram o Museu Casa de Portinari (84,6%), o Museu do Café e o Museu da Casa Brasileira (ambos com 82,5%). Estes percentuais estão mais de 15 pontos acima da média da população branca da Região Metropolitana de São Paulo (61,4%) e do Estado de São Paulo (68,6 %), segundo dados da PNAD 2006.

O Museu da Língua Portuguesa e o Museu de Arqueologia e Etnologia – USP – tiveram maior freqüência de visitantes pardos: 22,9% e 20,5%. Estes percentuais estão próximos, mas abaixo, dos 28,4% de pardos da população da Região Metropolitana de São Paulo e dos 23,5% de pardos da população do Estado.

Os pretos foram mais freqüentes no Museu da Língua Portuguesa (9,3%) e nos museus Lasar Segall e Estação Pinacoteca (ambos com 7,0%). Estes valores estão próximos aos 7,5% de pretos da população da Região Metropolitana de São Paulo e acima dos 3,3% de pretos da população do Estado.
Página 5

4 – UM PÚBLICO UNIVERSITÁRIO

Assim como em outras pesquisas realizadas, verifica-se que os visitantes dos museus têm escolaridade muito acima daquela declarada pela população em geral. Como indica o Gráfico 6, em São Paulo cerca de 80% dos informantes declararam possuir pelo menos o ensino superior incompleto (33,3%, incompleto; 32,4%, completo e 14.2%, pós-graduação). Na Região Metropolitana de São Paulo, apenas 17% da população acima de 15 anos de idade têm superior incompleto ou completo e no Estado de São Paulo o percentual é ainda menor: 15% (PNAD 2006).

Os museus com maior freqüência de visitantes com pós-graduação foram o Museu da Casa Brasileira (26,4%) e o Museu Lasar Segall (19,2%).

Visitantes com curso superior completo foram mais freqüentes no Museu do Café (52,2%) e no Museu Lasar Segall (40,7%). Segundo a PNAD 2006, na Região Metropolitana de São Paulo, apenas 12% da população acima de 15 anos de idade têm superior completo e no Estado de São Paulo a proporção estimada é de 10,4% desta população com superior completo.

A forte presença de visitantes com nível superior incompleto (33%), 10% acima da medida encontrada no Rio de Janeiro (23,7%), sugere a presença significativa de jovens universitários, com idade entre 20 e 29 anos (36%), nos museus paulistas.

5 – Exercício de atividade remunerada: empregados, principalmente do setor privado, visitam museus paulistas

A maior parte (73,0%) dos visitantes entrevistados nos museus investigados em São Paulo exerce atividade remunerada, resultado semelhante ao dos museus do Rio de Janeiro (75%) (Pesquisa Perfil-Opinião 2005).

Setores da Atividade remunerada variam entre São Paulo e Rio

Segundo indica o Gráfico 6, entre os entrevistados que exercem atividade remunerada, 38,0% são empregados do setor privado e 23,6%, do setor público, somando 61,6%, valor semelhante aos 62.4% do Rio de Janeiro. Entretanto, no Rio de Janeiro, o percentual de empregados do setor público foi maior, atingindo 31%, provavelmente devido à tradição da cidade em abrigar instituições públicas federais desde a época em que foi capital. Os empresários paulistas, assim como os fluminenses, estão pouco presentes nos museus e centros culturais (6% e 5.5% respectivamente).

Estudantes são maioria tanto nos museus paulistas quanto nos fluminenses

Em São Paulo, os estudantes compõem a maior parte (56%) dos respondentes sem atividade remunerada, seguidos dos desempregados (17%), aposentados ou pensionistas (15%) e daqueles que cuidam dos afazeres domésticos (9%). Cabe lembrar que na pesquisa realizada no Rio de Janeiro foram encontrados valores semelhantes, nos quais os estudantes representavam 53% e os aposentados e pensionistas 18% dentre os que não exerciam atividade remunerada.

Variação da condição dos que não exercem atividade remunerada, segundo o museu visitado

Considerando a amostra paulista, os museus que mais acolheram estudantes foram o Museu de Arte Moderna (71,6%) e o Paço das Artes (71,0%), este, situado no campus da Cidade Universitária, o que explicaria também o maior percentual de bolsistas/estagiários entre respondentes (14,4%) nesta instituição. O Museu de Arqueologia e Etnologia, que também se encontra dentro do campus, apresentou 60,1% de estudantes entre os respondentes, valor acima da média geral de 55,5%, mas 10 pontos abaixo do Paço das Artes. O Paço das Artes e o Museu de Arte Moderna apresentam ainda outros pontos em comum: menores percentuais de visitantes dedicados aos afazeres domésticos (3,1% e 3,8%, respectivamente) e de aposentados e pensionistas (4,5% no Museu de Arte Moderna e 4,6% no Paço das Artes) sugerindo que a temática da arte contemporânea, presente em ambos os museus, atrai maior número de estudantes e pessoas ocupadas de faixa etária mais jovem.

O Museu Casa de Portinari e Museu do Café apresentaram o maior percentual de aposentados e pensionistas entre os respondentes: 43,8% no Museu do Café e 37,9% no Museu Casa de Portinari. Os resultados até agora analisados indicam que os públicos destes dois museus são compostos por grupos de profissionais altamente escolarizados e idade mais avançada. No caso do Museu do Café são principalmente grupos de famílias ou compostos por casais e no Museu Casa de Portinari são casais, amigos, familiares e também participantes de grupos organizados.

Os museus que foram visitados por percentual maior de desempregados foram o Museu da Língua Portuguesa e o Museu da Imagem e do Som, 22,9% e 21,7%, respectivamente.

6 – RENDA DOMICILIAR MENSAL EM SÃO PAULO PARECE SER FATOR MENOS DISCRIMINANTE DA VISITA DO QUE NO RIO DE JANEIRO

Na Região Metropolitana de São Paulo, como nos museus, a faixa de renda domiciliar mais freqüente é de R$ 501,00 a R$ 2.000,00 (49% na RMSP e 34% nos museus). Entretanto, é nessa faixa (R$ 501,00 a R$ 2.000,00) que há maior diferença entre a renda dos respondentes dos museus de São Paulo e a população em geral. Também há diferença na faixa de mais de R$ 4.000,00, a qual é mais observada dentre os visitantes, nos museus investigados. Já nas outras faixas de renda, as freqüências estimadas nos museus são próximas daquelas da população em geral, como indica o Gráfico 8.

Os museus que receberam mais visitantes com renda domiciliar mensal de até R$ 500,00 e da faixa de R$ 501,00 a R$ 2.000,00 foram o Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre (13,7% e 54,5%) e o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (7,6% e 45%).

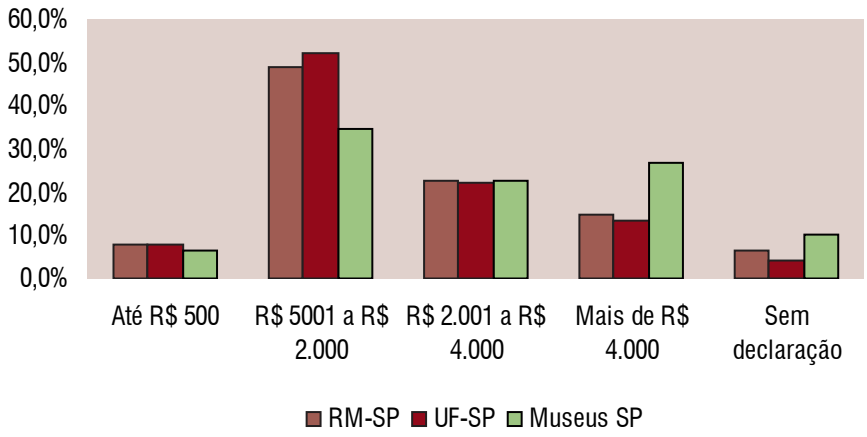
Na faixa de renda de R$ 2.001,00 a R$ 4.000,00, os maiores índices foram do Museu Casa de Portinari (31,1%) e Paço das Artes (16,9%).

No Museu da Casa Brasileira há um baixo percentual nas faixas mais baixas e uma concentração nas faixas mais altas: 50,8% na faixa de mais de R$ 4.000,00. O Museu do Café tem o segundo percentual mais alto para essa faixa: 38,8%.

A renda domiciliar mensal dos habitantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), segundo a PNAD 2004, demonstra distribuir-se de forma um pouco diferente daquela aferida pela PNAD 2006 em São Paulo, embora em ambos os casos a categoria de renda mais importante seja a de R$ 501,00 a R$ 2.000,00. A RMRJ apresenta o dobro do percentual de habitantes com renda de até R$ 500,00 se comparada à RMSP e 12% menos de habitantes com renda domiciliar acima de R$ 2.000,00.

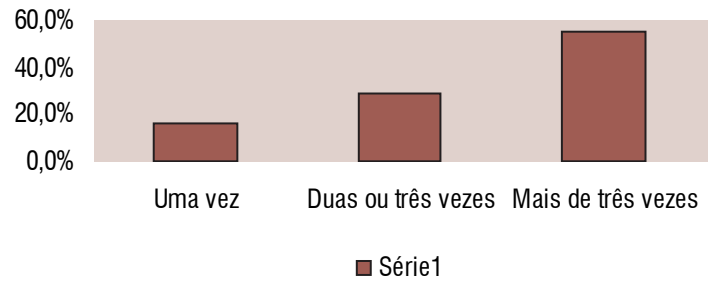
A relação entre a renda domiciliar mensal da população de referência e aquela dos visitantes dos museus parece obedecer outro padrão quando ob-

GRÁFICO 7



Distribuição percentual por classes de renda, segundo os museus de São Paulo considerados no estudo

GRÁFICO 8



Distribuição percentual da freqüência de visitas a outras instituições museais, nos últimos 12 meses, dos participantes da pesquisa nos museus de São Paulo

servamos os resultados da pesquisa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Neste caso, segundo a tabela 1, identificam-se variações entre a renda domiciliar dos visitantes e a da população de referência em todas as faixas, sugerindo que na mostra fluminense eram proporcionalmente menos presentes os visitantes com renda domiciliar de até R$ 500,00, mais presentes os visitantes com renda domiciliar entre R$ 2.001,00 e R$ 4.000,00 (+8%) e ainda mais aqueles com renda domiciliar superior a R$ 4.000,00(+ 16%) em comparação com a RMSP. A variação entre a renda domiciliar dos visitantes e a da população de referência nas Regiões Metropolitanas comparadas sugere que, embora a população paulista apresente renda domiciliar maior do que a fluminense, as categorias com menor renda domiciliar estão proporcionalmente mais representadas nos museus de São Paulo enquanto que os visitantes com maior renda domiciliar encontram-se, em valores relativos, mais presentes no Rio de Janeiro.

Distribuição percentual por classes de renda domiciliar mensal nos museus participantes da pesquisa, em comparação com os valores da PNAD, segundo local do estudo

R$	Até 500	De 501 a 2000	De 2001 a 4000	Mais de 4000	Sem resposta	Total
Museus RJ	10%	35%	24%	25%	6%	100%
RMRJ PNAD 2004	14%	52%	16%	9%	9%	100%
Museus SP	7%	34%	22%	27%	10%	100%
RMSP PNAD 2006	8%	49%	23%	15%	6%	100%

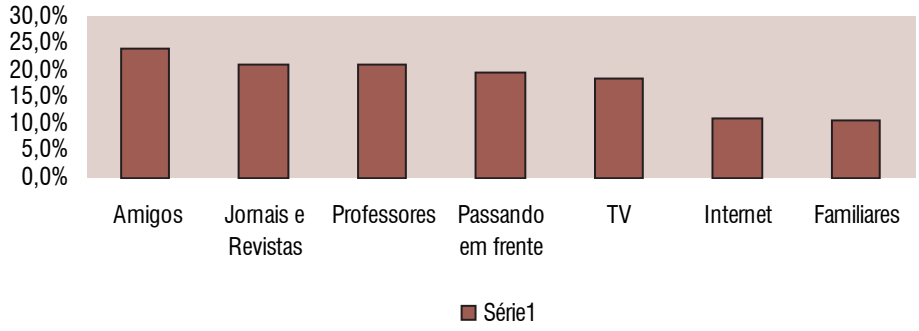
7 – VISITA GERA VISITA: EM SÃO PAULO, UM PÚBLICO HABITUADO A VISITAR MUSEUS

Considerando o agregado de todos os museus investigados em são Paulo, a maioria dos informantes (66%) declarou ter visitado outra instituição similar nos últimos 12 meses. Dentre este grupo, pode-se destacar, segundo o Gráfico 8, que mais da metade realizou muitas visitas (55%), sugerindo, entre os visitantes, tendência a uma prática regular ou assídua. No entanto, esta tendência pode variar entre os museus.

O percentual de visitas a museus nos últimos 12 meses variou segundo os museus da pesquisa. Em alguns destes, a grande maioria dos visitantes declarou ter visitado algum museu ou centro cultural nos 12 meses anteriores, como por exemplo, no Lasar Segall e no Paço das Artes (82% e 81% respectivamente), no Museu da Casa Brasileira (79%), na Estação Pinacoteca e na Pinacoteca (78% e 77% respectivamente), no Museu da Imagem e do Som (75%) e no MAM (74%). Outro grupo de instituições reuniu pelo menos 50% de visitantes que declararam visita anterior a outros espaços: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (68%), Museu do Café (60%), Museu da Língua Portuguesa (60%) e Memorial do Imigrante (53%). Finalmente, um terceiro grupo reuniu museus onde a maioria dos visitantes declarou não ter estado em outra instituição nos últimos 12 meses, como o Museu Casa de Portinari (62% não realizaram visita) e o Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre (72%).

Também variou entre os museus a freqüência da visita declarada pelos visitantes. Um grupo de museus apresentou um maior percentual relativo de visitantes com tendência a uma prática assídua (mais de três visitas). Destacam-se o Paço das Artes (75%), o Museu da Casa Brasileira (68%) e o Lasar Segall (64%) com nove pontos percentuais positivos acima da média (55%). Outro grupo reuniu as instituições

GRÁFICO 9



Distribuição percentual dos visitantes de São Paulo, por fonte de informação sobre o museu

onde o percentual relativo de visitantes ocasionais (duas ou três vezes) foi acima da média, como o Museu Casa de Portinari (40%), o Memorial do Imigrante (36%) ou o Museu da Língua Portuguesa (34%). Cabe salientar que o Museu Pedagógico Índia Vanuíre distingue-se dos demais ao apresentar 53% de visitantes excepcionais ou episódicos (que declararam uma única visita a museus nos últimos doze meses). Lembramos ainda que a maioria dentre esses visitantes declarou não ter realizado qualquer visita a museus nos 12 meses anteriores, sugerindo ser este o museu onde a visita parece menos dependente da familiaridade anterior de seus públicos com instituições museais.

8 – FONTES DE INFORMAÇÃO: EM SÃO PAULO, COMO NO RIO, DESTAQUE PARA A RECOMENDAÇÃO DE TERCEIROS

As fontes de informação indicam as redes sociais, as estratégias institucionais e os processos de comunicação entre a instituição e a sociedade, responsáveis por sua divulgação. Ao responder à questão, Como ficou sabendo a respeito desse museu? o informante poderia escolher várias respostas. Segundo o Gráfico 09, em São Paulo, a maior parte dos visitantes declarou ficar sabendo a respeito do museu visitado por meio da recomendação de outras pessoas (56%). Dentre estas, os amigos foram citados como fontes privilegiadas, seguidos pelos professores. A recomendação de um membro da família para visitar o museu apresenta, em São Paulo, percentual inferior ao do Rio de Janeiro (11% e 15% respectivamente). As mídias (TV, jornais e revistas) foram citadas por quase 40% dos participantes da pesquisa em São Paulo e no Rio, por 34%. Cerca de 19% dos visitantes de São Paulo como os do Rio de Janeiro declararam ter descoberto o museu visitado ao passar em frente ao mesmo. Cabe ainda notar que o uso da internet para buscar informações foi mais expressivo em São Paulo (11%) do que no Rio de Janeiro (4,5%)

Entre os 13 museus participantes da pesquisa em São Paulo, a fonte de informação variou: a recomendação de amigos obteve percentual acima da média no Museu do Café (34%), no Museu Casa de Portinari (31%), no MAE (30%) e no Segall (29%). A recomendação dos professores foi maior no Museu Histórico e Pedagógico India Vanuíre (39%) e no MAM (28%). Os familiares foram mais citados também no Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre (30%), no Museu do Imigrante (18%), no Museu Casa de Portinari (14%) e no Museu do Café (14%), três dos quais situados fora da cidade de São Paulo. A TV foi mais importante entre os visitantes do Museu

da Língua Portuguesa (62%) e do Museu Casa de Portinari (35%). A descoberta do museu ao passar em frente foi a resposta de metade (51%) dos visitantes do Paço das Artes e de cerca de 30% daqueles que visitaram o Museu da Casa Brasileira. Merece destaque a internet como fonte citada por 23% dos visitantes do Museu Casa de Portinari.

9 – O ESPAÇO DOS MUSEUS NA CIDADE E NA VIDA DAS PESSOAS: NOTORIEDADE E PRÁTICA DE VISITA

Muitos museus são conhecidos por um grande contingente da população de uma cidade, estado ou país independentemente do fato de serem visitados por estas pessoas que declaram conhecê-los. No Brasil, existem muitas pessoas que já ouviram falar do Museu do Louvre, em Paris, França. Já viram fotos do Museu do Louvre, sabem que lá estão a Monalisa e a Vênus de Milo, mas nunca visitaram esse museu. No entanto, o museu faz parte de seu universo de referências simbólicas. Este exemplo pode ser aplicado no âmbito de uma cidade: existem instituições que fazem parte do patrimônio coletivo, são conhecidas e queridas por um grande número de pessoas que nunca realizaram uma visita.

Saber se uma instituição museal é conhecida em sua cidade, estado, país ou mesmo em outros paises, traz informações sobre o raio de ressonância simbólica desta instituição. Na pesquisa Perfil-Opinião o visitante deve declarar há quanto tempo conhecia a instituição visitada. A informação sobre esse tempo de conhecimento nos informa sobre duas dimensões da relação entre as pessoas e os museus. Por um lado, se observa há quanto tempo aquela instituição participa das referências culturais das pessoas, por outro, indica quanto tempo pode transcorrer entre o fato de se saber sobre a existência de um museu e a decisão de visitá-lo efetivamente. A relação entre notoriedade e prática de visita e a identificação da notoriedade antiga como indicador de ressonância simbólica das instituições podem ser analisados a partir do Quadro 2.

Distribuição percentual dos visitantes por tempo de conhecimento da existência do museu, segundo museus considerados no estudo e ano de fundação dos mesmos

Museus	Sabe da existência há até um mês	Sabe da existência há mais de 5 anos	Ano de fundação
Total	22,5%	35,5%	
Museu de Arqueologia e Etnologia	49,2%	13,5%	1989
Museu do Café	39,7%	19%	1998
Museu da Imagem e do Som	36,9%	27,8%	1970
Estação Pinacoteca	33,4%	17,2%	2004
Paço das Artes	29,8%	27,9%	1970
Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre	25,9%	54.3%	1967
Museu Lasar Segall	25,1%	36%	1967
Memorial do Imigrante	23,4%	32%	1998
Museu da Casa Brasileira	18,9%	38,1%	1970
Museu de Arte Moderna	15%	52,6%	1948
Museu da Língua Portuguesa	14%	3%	2006
Pinacoteca do Estado	13,8%	55,6%	1905
Museu Casa de Portinari	9%	57,7%	1970

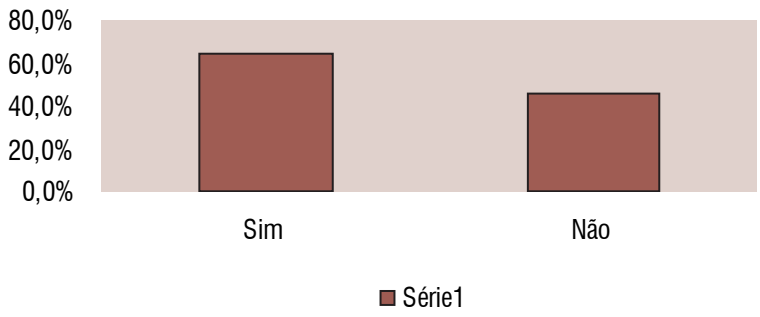
Entre os visitantes dos museus investigados na pesquisa em São Paulo, a maior parte (62,5%) sabia sobre a existência do museu visitado há pelo menos mais de um ano. Entre as categorias de resposta possíveis, conhecer o museu há mais de cinco anos foi a resposta mais freqüente (35,5%). Entre os museus que parecem beneficiar de notoriedade antiga (com mais da metade de visitantes que o conheciam há mais de cinco anos) encontram-se o Museu Casa de Portinari (57%), a Pinacoteca do Estado (56%), o Museu Histórico e pedagógico Índia Vanuíre (54%) e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (53%). Embora todos estes museus existam na cena cultural paulista há pelo menos 38 anos, apenas o tempo de vida da instituição não explica inteiramente a notoriedade. O Paço das Artes, instituição tão antiga quanto o Museu Casa de Portinari, é conhecido há mais de cinco anos por apenas 28% dos visitantes (cerca da metade do percentual do Portinari). A presença da instituição nos meios de comunicação de massa, a relação estabelecida com o público de proximidade, com o público escolar, também são fatores que colaboram para divulgar a instituição.

Entre os museus da pesquisa 2007, o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP foi aquele com o maior percentual de visitantes que declararam saber da existência do museu há até um mês (49%). Na verdade, 29% dos visitantes deste museu descobriram sobre sua existência no dia da visita. O Museu do Café também foi descoberto no dia da visita por um a cada quatro visitantes (26%), assim como a Estação Pinacoteca (24%). O Paço das Artes, situado no campus da Universidade de São Paulo, foi descoberto apenas no dia da visita por cerca de um a cada cinco visitantes (21%).

10 – NOVOS VISITANTES, EM BUSCA DE PERMANENTE ATUALIZAÇÃO CULTURAL

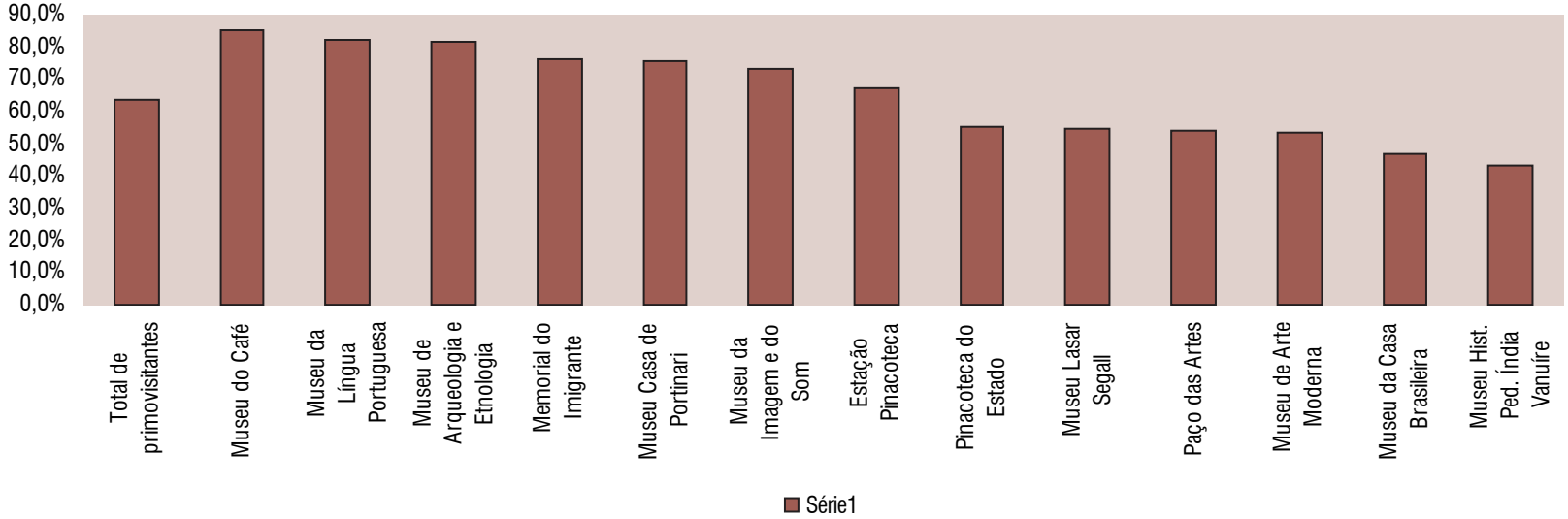
Assim como nos museus fluminenses participantes da pesquisa em 2005, nos museus paulistas da pesquisa 2007 a maioria dos visitantes declarou ser a primeira visita àquele museu (64% em ambos os casos). Em onze dos treze museus participantes da pesquisa em São Paulo, mais da metade dos visitantes declarou ter sido aquela a primeira visita à instituição. O Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre e o Museu da Casa Brasileira foram os únicos da amostra com mais da metade de visitas reincidentes. De forma semelhante à pesquisa de 2005, no Rio de Janeiro, constata-se na amostra paulista que o efetivo de primovisitantes (visitantes que declaram visitar aquele museu pela primeira vez) pode variar segundo o museu investigado, conforme registra o gráfico 10.

GRÁFICO 10



Distribuição percentual dos visitantes investigados nos museus em São Paulo, que declararam visitar o museu pela primeira vez

GRÁFICO 11



Distribuição percentual dos visitantes investigados nos museus em São Paulo, que declararam visitar o museu pela primeira vez, segundo os museus considerados no estudo

Alguns museus costumam receber maior número de primovisitantes do que outros. Assim, enquanto que no Museu da Casa Brasileira os primovisitantes não chegam a 50% (47%), no Memorial do Imigrante foram 76% a declarar uma primeira visita. É normal que museus recentemente inaugurados apresentem taxas elevadas de visitantes de primeira vez. No entanto, nem sempre se observa um efeito de causalidade entre o tempo de existência do museu e as chances de visitas anteriores. Neste sentido, constatamos em São Paulo que o Museu do Café, embora não seja o mais recente (1998), é aquele com o maior percentual de primovisitantes na amostra, seguido pelo Museu da Língua Portuguesa (82%), aberto ao público em 2006 e pelo Museu de Arqueologia e Etnologia que embora presente no campus da USP desde 1989, reuniu 81% de primovisitantes.

O percentual de primovisitantes pode indicar dois fenômenos: um é a capacidade de atração de novos visitantes. Neste caso, o museu com alta taxa de primeiras visitas tende a conservar ou a aumentar o número de visitantes ao longo do tempo. Por outro lado, a prevalência de primovisitantes pode igualmente revelar a dificuldade em fazer retornar ou em fidelizar os públicos.

Para aqueles que já vieram ao museu, visitas recentes são tendência!

Embora a maior parte dos informantes participantes do estudo tenham visitado o museu pela primeira vez, mais de 40% dos públicos de todas as instituições participantes da pesquisa em São Paulo declararam já ter efetuado visita anterior ao museu investigado (46%). Entre os reincidentes, registra-se tendência a visitas anteriores recentes, há menos de seis meses (44%). As visitas realizadas no intervalo de seis a doze meses representam 21% das respostas, o percentual de respostas diminui inversamente ao aumento do número de meses passados desde a última visita ao museu.
Em alguns museus, mais da metade dos reincidentes realizaram visitas anteriores há menos de seis meses, como o Paço das Artes (55%) e o Museu da Casa Brasileira (54%). Já no Museu Casa de Portinari, o que se destaca é o volume de visitas anteriores muito antigas. Cerca de um a cada três visitantes que declarou já ter visitado o museu o fez há mais de cinco anos.

11 – MOTIVOS DA VISITA: CONHECER, DESCOBRIR E ALARGAR OS HORIZONTES.

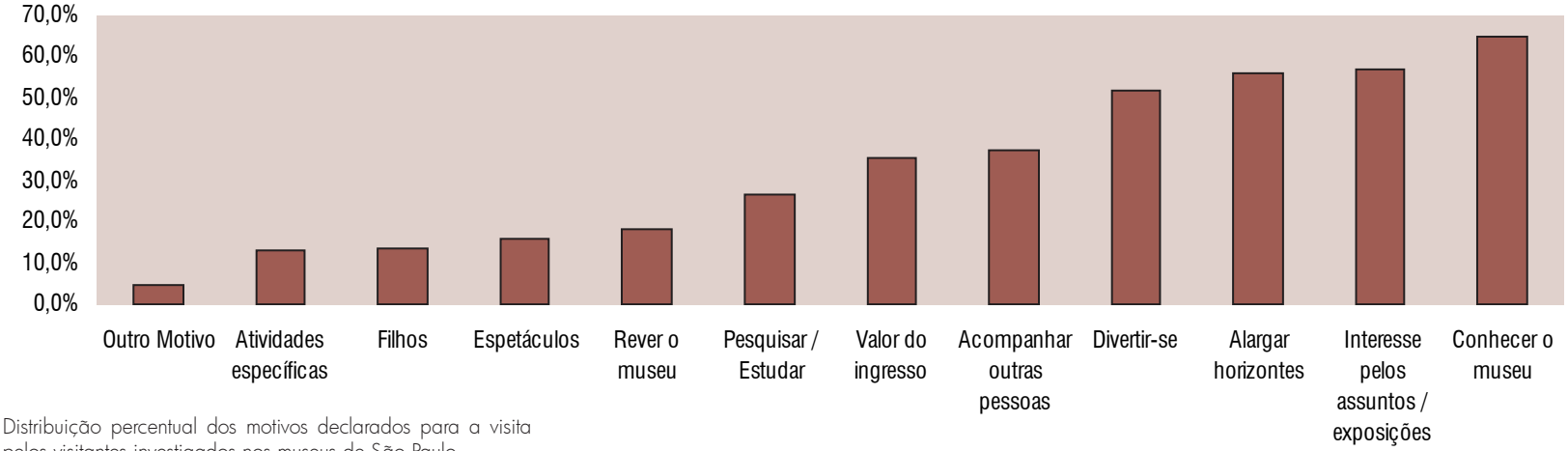
Os visitantes podiam declarar mais de um motivo para a visita ao museu investigado. A análise dos motivos declarados sustenta a preponderância de uma prática afeita à novidade. Motivadas pela curiosidade, pela descoberta de instituições ou de novas exposições estas visitas são maioria em São Paulo, onde 65% dos investigados declararam que a visita ao museu foi motivada pelo interesse em conhecê-lo, segundo o Gráfico 12. O interesse pelos assuntos das exposições foi mencionado por 57% dos informantes. Esta é uma tendência registrada em diversas pesquisas, no Brasil como em outros países. Tais estudos indicam que, para a maior parte das pessoas, a experiência de visita obedece a uma lógica de abertura e de diversificação dos interesses culturais. Os públicos já mobilizados parecem responder à renovação continuada da oferta, sugerindo que, enquanto se constata a intensificação da prática de visita, se observa a dificuldade de fidelização dos públicos.
Alem de conhecer o museu, os motivos mais citados foram interesse pelos assuntos das exposições (57%), ampliar horizontes, conhecer coisas novas (56%), divertir-se (52%). Comparados aos motivos declarados pelos visitantes fluminenses, cabe salientar que no Rio Trazer os filhos foi um motivo declarado por um a cada três visitantes, enquanto que em São Paulo apenas 12% citaram essa resposta. Por outro lado, Pesquisar e Estudar foi com maior freqüência um motivo para os paulistas (26%) do que para os fluminenses (18%).

Em São Paulo, os motivos também variaram segundo o museu visitado. Por exemplo, Conhecer o museu foi um motivo citado por quase todos os visitantes do Museu do Café (93%) e por 85% daqueles que estiveram no Museu da Língua Portuguesa. O interesse pelos assuntos das exposições foi particularmente citado entre os visitantes do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE, 73%), onde 57% dos visitantes também declararam como motivo o Valor do ingresso. A Diversão aparece como motivo privilegiado para 62% dos visitantes do Museu Lasar Segall, enquanto que Pesquisar e Estudar foi citado por cerca de um a cada três visitantes do Memorial do Imigrante (35%), do Museu de Arte Moderna (34%), do Museu da Imagem e do Som (32%) e do MAE-USP (31%).

12 – MUSEUS: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

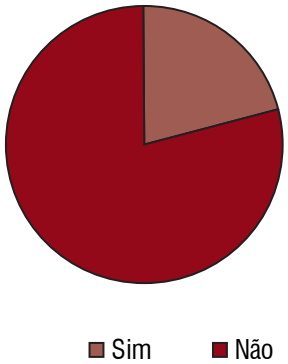
Em São Paulo, bem como na pesquisa realizada junto aos museus fluminenses em 2005, a maioria dos visitantes vem acompanhada. Foram 21% a declarar uma visita solitária. No entanto, o percentual de visitantes desacompanhados foi bem maior entre os paulistas, visto que apenas 13% dos informantes fluminenses declararam realizar uma visita individual e que apenas três museus entre os 11 participantes da pesquisa apresentaram mais de 20% de visitantes solitários. Em São Paulo, embora o percentual de visitantes desacompanhados tenha variado de 4%, no Museu do Café, a 34% no Paço das Artes, a maior parte das instituições apresentou valores próximos à média geral (21%), segundo o Gráfico 13.

GRÁFICO 12



Distribuição percentual dos motivos declarados para a visita pelos visitantes investigados nos museus de São Paulo

GRÁFICO 13



Distribuição percentual dos visitantes desacompanhados, segundo o museu investigado no estudo.

13 – COM QUANTAS PESSOAS VISITOU O MUSEU?

Em São Paulo, dentre os participantes da pesquisa que visitaram acompanhados, cerca de 90% visitaram na companhia de no máximo cinco pessoas, caracterizando visitas em grupos familiares ou entre amigos. Dentre estes, 45% vieram em dupla ou casal, enquanto que os outros 45% visitaram na companhia de duas a cinco pessoas. Os grupos de mais de 30 componentes representaram 3,5% das declarações dos visitantes. O Paço das Artes recebeu quase 70% de visitas em dupla, o Museu da Língua Portuguesa 54%, assim como o Lasar Segall. As visitas em pequenos grupos foram maioria no Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre (69%), no Museu de Arqueologia e Etnologia – USP (65%) e no Museu do Café (58%). O Museu Casa de Portinari foi aquele com percentual mais expressivo de visitas em grupos maiores: 11% de visitas em grupos de 11 a 30 pessoas e 19% em grupos com mais de 30 componentes, sugerindo visitas em grupos organizados, de turismo ou outros. O Gráfico 14 indica a distribuição percentual dos visitantes, pelo número de pessoas com quem realizou a visita, segundo o museu participante do estudo.

14 – PROGRAMA ENTRE AMIGOS, EM CASAL OU EM FAMÍLIA

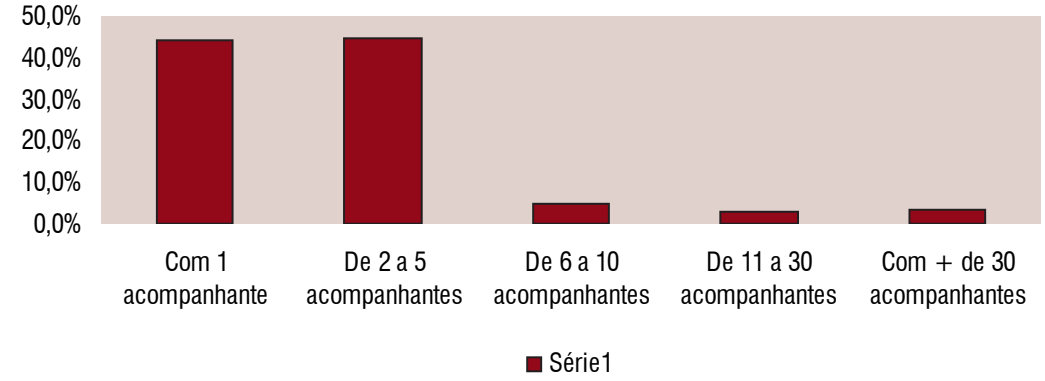
A questão Com quem você está visitando o museu hoje? admitia múltiplas respostas. Entre os 79% que não visitaram sozinhos, grande parte realizou a visita na companhia de amigos (31%) ou em casal (28%). Visitar com os próprios pais (6%), com os filhos (10%) ou com outros membros da família (11%) foram opções menos citadas pelos informantes. No entanto, pode-se considerar que 27% dos respondentes visitou com algum membro da família (excluindo a visita em casal). Em comparação com a amostra do Rio de Janeiro (27%), a visita somente entre amigos foi mais importante em São Paulo. A companhia da visita variou entre os museus participantes do estudo, segundo informa o Gráfico 15.

Os museus com maior percentual de visitas em casal foram o Museu do Café (49%) e o Museu da Imagem e do Som – MIS (41%). Cabe notar que no Museu do Café 57% dos informantes declararam também visitar com algum outro membro da família, caracterizando ser esta a modalidade de visita mais freqüente. Já no MIS, os familiares representaram 26% entre outros acompanhantes. A visita entre amigos foi particularmente citada no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (45%) e no Paço das Artes (39%), ambos situados no campus universitário. Amigos também foram a companhia para um a cada três visitantes do Museu de Arte Moderna (33%) e do Museu da Língua Portuguesa (32%). As visitas em família foram mais presentes, além do Museu do Café, no Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre (48%), no Memorial do Imigrante (39%) e para um a cada três visitantes da Pinacoteca do Estado (33%).

15 – FATORES QUE DIFICULTAM A VISITA: DIVULGAÇÃO E TRANSPORTE DIFICULTAM A VISITA EM SÃO PAULO

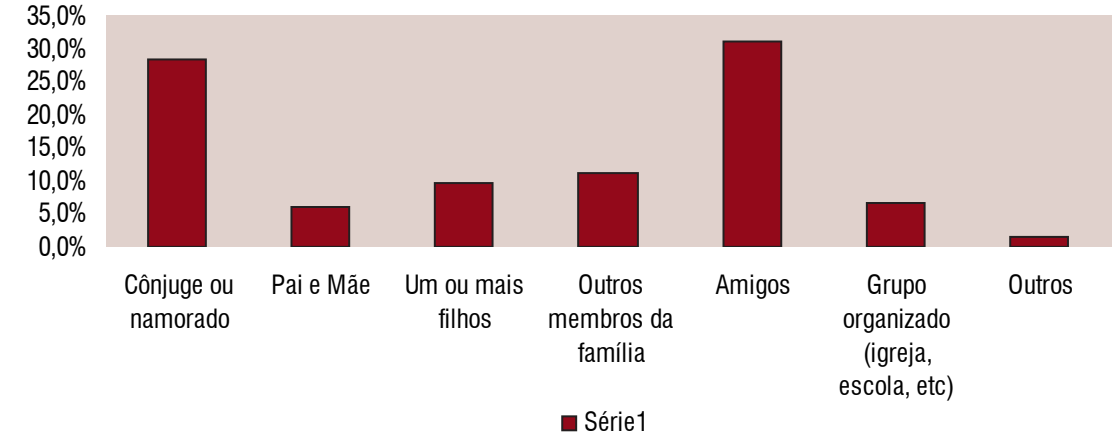
Mais da metade dos informantes (54%) concordou em apontar a falta de divulgação dos museus, de suas exposições, programas e serviços como um fator de dificuldade à prática de visita, conforme indicam os resultados do Gráfico 16. No entanto, ao

GRÁFICO 14



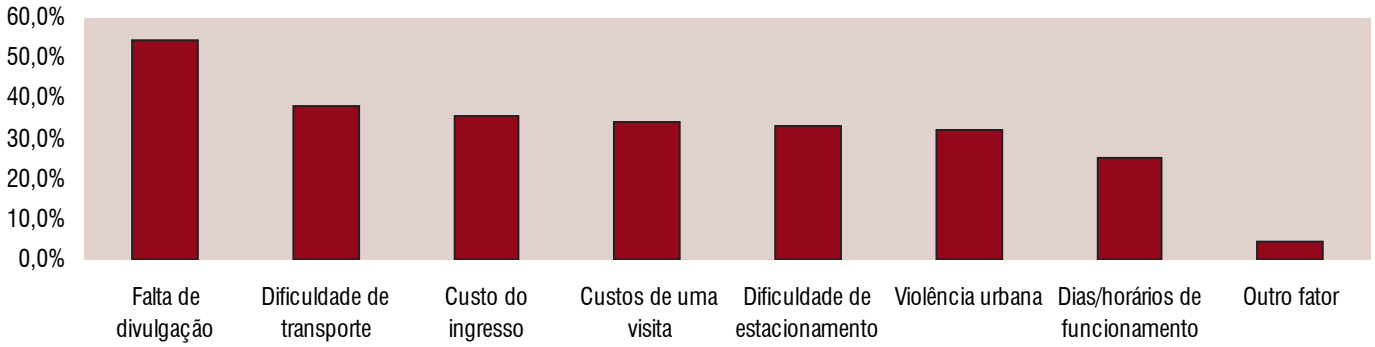
Distribuição percentual do número de acompanhantes, segundo o museu investigado no estudo

GRÁFICO 15



Distribuição percentual dos visitantes, por tipo de acompanhante, segundo os museus pesquisados.

GRÁFICO 16



Distribuição percentual dos visitantes de São Paulo, segundo os fatores que dificultam a visita

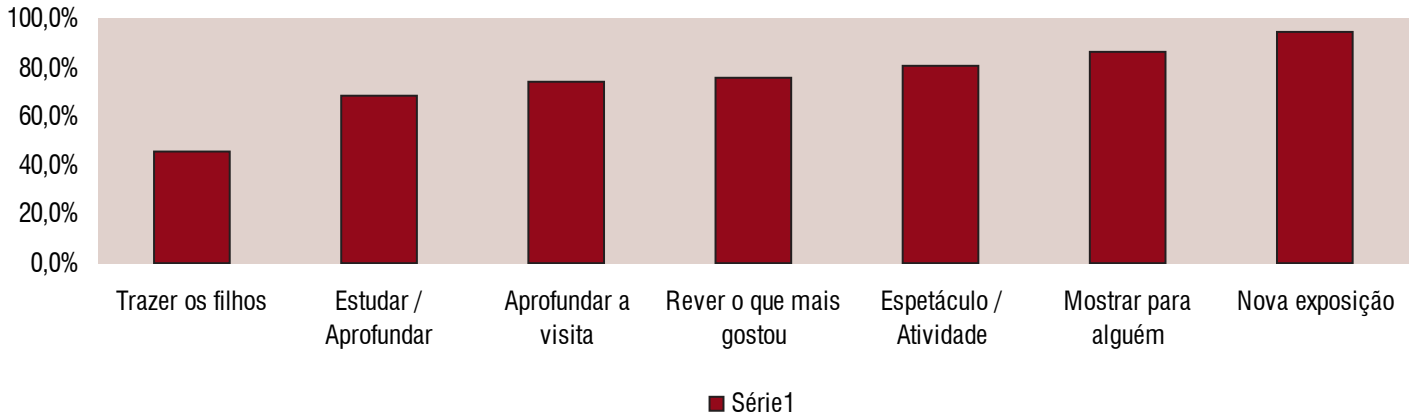
comparar os resultados da pesquisa paulista com aqueles do Rio de Janeiro, cabe salientar que os visitantes fluminenses foram ainda mais enfáticos em relação a este ponto, visto que 72% levantaram o problema da pouca divulgação dos museus. O segundo fator mais citado em São Paulo foi a dificuldade de transporte (38%). O custo do ingresso, bem como aquele que reúne todas as despesas de uma saída foram fatores declarados por 36% e 34% dos visitantes paulistas, respectivamente. Os visitantes em São Paulo ressentem mais as dificuldades de acesso ou de transporte do que a violência urbana (32%), enquanto que no Rio de Janeiro a violência era uma preocupação partilhada entre mais da metade dos visitantes (52%). As dificuldades de transporte, no entanto, foram igualmente lembradas pelos fluminenses (38%). Os custos de uma visita constituem uma dificuldade ainda mais importante para os fluminenses (40%) do que para os paulistas (34%) enquanto que o custo do ingresso preocupou igualmente paulistas e visitantes do Rio de Janeiro (36% em ambos os grupos).

Em São Paulo, a dificuldade para visitar o museu variou segundo a instituição participante da pesquisa. Assim, a falta de divulgação foi principalmente ressentida entre os visitantes do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (65%), do Museu do Café, do Paço das Artes (ambos com 63%), do Museu Lasar Segall (62%) e do Museu da Casa Brasileira (60%). O custo do ingresso foi principalmente citado como dificuldade entre os visitantes do Paço das Artes (51%), do Museu de Arqueologia e Etnologia (46%) e do Museu de Arte Moderna (45%) enquanto os custos da visita (transporte, alimentação, outros) também foram importantes para os visitantes do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (44%) e ainda para aqueles do Paço das Artes (41%) e do Museu da Língua Portuguesa (40%). A falta de estacionamento foi prioridade para mais da metade dos visitantes do Museu do Café (53%), enquanto que a violência foi citada com maior freqüência entre os informantes do Museu do Café (44%), da Estação Pinacoteca (39%), do Museu da Língua Portuguesa (38%) e da Pinacoteca do Estado (36%).

16 – TEMPO DE DURAÇÃO DA VISITA

No geral, a maior parte das visitas durou de 30 a 60 minutos (38%), segundo declaração dos informantes. Em seguida, foram as visitas entre uma a duas horas as mais freqüentes (29%). As visitas rápidas, de até 30 minutos, foram realizadas por um a cada cinco visitantes da amostra (20%), enquanto que 13% declararam realizar visitas longas, com duração superior a duas horas. Comparando as amostras fluminense e paulista, nota-se que em ambos os grupos o tempo de visita mais comum foi de 30 a 60 minutos (36% no Rio de Janeiro), porém as categorias extremas, de visitas rápidas ou muito longas, encontram no Rio e em São Paulo valores invertidos, no Rio de Janeiro foram 20% a realizar visitas mais longas, de mais de duas horas e 15% a visitar o museu em menos de meia hora.

GRÁFICO 16



Distribuição percentual dos visitantes por motivo declarado para retornar ao museu visitado

17 – EM SÃO PAULO, UMA NOVA EXPOSIÇÃO É O MOTIVO PRINCIPAL PARA RETORNAR AO MUSEU...

Os visitantes que participaram da pesquisa em São Paulo expressaram intenção de retornar ao museu nos doze meses posteriores àquela visita. Dentre eles, 56% afirmaram que retornarão certamente, enquanto que 39% declararam que provavelmente retornariam. De fato, 95% parecem dispostos a voltar ao museu.

Diferentemente dos visitantes dos museus fluminenses, que retornariam principalmente para mostrar o museu para alguém (75%), os paulistas justificaram o retorno, em primeiro lugar, pelo interesse em visitar uma nova exposição (94,3%) segundo os dados apresentados no Gráfico 17. Em seguida, eles retornariam para mostrar o museu para uma outra pessoa (86,1%). Cabe salientar que 68,8% dos paulistas declararam interesse em voltar ao museu para estudar e pesquisar, reforçando a idéia de um forte contingente de estudantes nesta amostra, em comparação com o Rio de Janeiro, onde o estudo foi citado como motivo de retorno por 42% dos visitantes. Trazer os filhos traria paulistas e fluminenses em proporções similares (45,2%) enquanto que Rever o que mais gostou constitui um bom motivo de retorno para 75,5% dos paulistas e apenas para 63% dos visitantes dos museus fluminenses.

Os museus ou os públicos: quem vem primeiro?

Os visitantes dos museus paulistas e fluminenses se assemelham em alguns aspectos, como o alto nível de escolaridade e a renda domiciliar mensal elevada. No entanto, as mulheres estão mais presentes em São Paulo do que no Rio, as visitas em família parecem ser mais freqüentes nos museus de ciência cariocas do que entre os museus universitários ou de arte de São Paulo, cidade onde o número de visitas individuais aos museus participantes da pesquisa é superior àquele encontrado no Rio de Janeiro. Dinâmica social de cada cidade ou características dos museus? O que melhor explica semelhanças e diferenças entre os visitantes e as formas de visita?

À medida que a massa de dados produzida pelo Observatório aumenta, renovam-se e diversificam-se as questões sobre as dinâmicas sociais de apropriação dos espaços museais. Demandas e expectativas reformuladas pela sociedade ou oferta diferenciada? O que promove a mudança na relação? Fica claro que para se compreender a relação entre os museus e seus públicos é preciso considerar tanto as estruturas sociais vigentes num certo espaço-tempo, como o papel dos atores do campo museal. Estes, na gestão cotidiana de suas instituições, convidam ou ignoram grupos e indivíduos a freqüentarem suas casas (museus). Os visitantes, por outro lado, surpreendem. Algumas vezes, resolvem entrar sem convite, em outras ocasiões, apresentam comportamentos inesperados ou apenas recusam o convite feito.

Contribuir com a produção destes dados e com o processo de reflexão sobre a relação do museu com a sociedade orienta a continuidade da pesquisa Perfil- Opinião. Espera-se, desta forma, suscitar a inquietude investigativa diante de uma realidade sempre dinâmica e plural, mas, principalmente, que o Observatório promova a reflexão e contribua com a transformação continuada da relação entre os profissionais dos museus e os visitantes regulares, os públicos potenciais e os não públicos.

Informações e contato: www.fiocruz.br/omcc
observatoriodemuseus@fiocruz.br

II BOLETIM OMCC

Realização
Fundação Oswaldo Cruz - Brasília
Departamento de Museus e Centros Culturais / IPHAN

Coordenação Técnica do OMCC
Fundação Oswaldo Cruz - Brasília
Departamento de Museus e Centros Culturais / IPHAN
Museu de Astronomia e Ciências Afins/ MCT
Escola Nacional de Ciências Estatísticas/ IBGE

Museus Participantes da Pesquisa em São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia da USP
Museu Lasar Segall
Museu de Arte Moderna - MAM
Museu da Língua Portuguesa
Pinacoteca do Estado
Estação Pinacoteca
Memorial do Imigrante
Museu da Imagem e do Som
Museu do Café
Museu da Casa Brasileira
Paço das Artes – SP
Museu Casa de Portinari
Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre

Créditos do Boletim
Este Boletim foi realizado a partir dos dados da Pesquisa Perfil–Opinião 2006/2007, em São Paulo e aqueles de 2005, no Rio de Janeiro.
Editores e Redatores Responsáveis:
Luciana Sepúlveda Köptcke
Adriana Mortara Almeida
José Matias de Lima
Sibele Cazelli
Clara Freire de Araujo
Apoio técnico: Leandro Marino e Marcus Caixeta
Projeto Gráfico e Diagramação: Carlos Sarina
Revisão: Aedê Cadaxa e Wagner Vasconcelos

2006/2007

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Brasília

Ministério
da Saúde

PESQUISA PERFIL OPINIÃO

SÃO PAULO

PESQUISA

PERFIL
OPINIÃO

SÃO PAULO

2006/2007

OBSERVATÓRIO
DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS